
O sensacionalismo como forma de revitimizar mulheres exploradas pelo trabalho análogo à escravidão no serviço doméstico¹

Elisama Costa Ximenes²

Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Direitos Humanos – PPGIDH
Universidade Federal de Goiás – UFG

RESUMO

Este estudo analisa como a cobertura sensacionalista da TV Bahia revitimizou Madalena Santiago da Silva, mulher negra resgatada após 54 anos em condições análogas à escravidão. O problema investiga como o sensacionalismo jornalístico, ao repetir e enfatizar cenas de sofrimento da vítima, contribuiu para tornar a opressão um processo contínuo. Utilizou-se análise de conteúdo qualitativa da reportagem, fundamentada em autores que falam de teorias do Jornalismo e da Comunicação, da revitimização e da crítica à democracia racial.

PALAVRAS-CHAVE

Sensacionalismo; revitimização; trabalho análogo à escravidão; Madalena Santiago da Silva.

INTRODUÇÃO

Em 2022, Madalena Santiago da Silva, então com 62 anos de idade, foi resgatada por auditores-fiscais do Ministério do Trabalho e Previdência (MTP), depois de passar 54 anos sob condições de trabalho análogo à escravidão em Lauro de Freitas, região metropolitana de Salvador, Bahia.

Em abril, o BA Meio Dia, jornal diário exibido pela afiliada da Rede Globo de Televisão na Bahia, exibiu uma reportagem, cuja cena em que Madalena rejeita o toque da repórter branca viralizou nas redes sociais.

A questão desta pesquisa é como a abordagem sensacionalista da reportagem contribuiu para revitimizar Madalena. O objetivo é entender de que forma o sensacionalismo contribuiu para tornar a opressão contra a vítima um processo contínuo.

¹ Trabalho apresentado no GP Comunicação para a Cidadania, do 25º Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 48º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Jornalista e mestranda em Direitos Humanos no Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Direitos Humanos – PPGIDH, da Universidade Federal de Goiás – UFG. E-mail: elisamaximenes@discente.ufg.br.

Isso, por meio da análise de conteúdo e com base em autores que tratam de teorias do Jornalismo e da Comunicação, da revitimização e da crítica à democracia racial.

Uma das hipóteses é de que a abordagem sensacionalista revitimiza Madalena e tira dela o protagonismo, que já fora negado por 54 anos. Além disso, entende-se que o objetivo de reportagens como a que será analisada têm o mero objetivo de emocionar, sem se aprofundar ou intentar gerar alguma ação de descontentamento que possa mudar a realidade de Madalena e outras vítimas do trabalho análogo à escravidão.

METODOLOGIA

Com uma abordagem qualitativa, a metodologia escolhida foi a análise de conteúdo. A conexão desse instrumento metodológico com a pesquisa começa pela origem da análise de conteúdo, que se deu com a análise de material jornalístico nos Estados Unidos, com estudos quantitativos de jornais para medir o grau de sensacionalismo dos seus artigos (Bardin, 1977).

Algo que se aproxima da coleta de dados feita neste estudo. Além disso, é relevante o fato deste instrumento ter como principal campo de análise as comunicações (Bardin, 1977).

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Para construir a análise, este estudo utilizou literaturas que fundamentam o sensacionalismo sob uma perspectiva crítica; a revitimização no campo midiático; e a crítica à falsa democracia racial brasileira.

A obra de Ciro Marcondes Filho (1989), *O Capital da Notícia*, embasou o que se entende por sensacionalismo neste texto, na medida em que o autor observa o fenômeno como algo inerente ao jornalismo, inserido na lógica burguesa de mercado.

Já a revitimização, apesar de estar mais ligada ao comportamento institucional, começa a ser estudado do ponto de vista midiático em ensaios elaborados para congressos de comunicação, utilizados aqui.

Por fim, Abdias Nascimento (1978) e sua crítica à democracia brasileira em *O Genocídio do Negro Brasileiro* serviram como base para a desconstrução da visão de que a miscigenação é uma forma de desconstruir o racismo no Brasil.

REPORTAGEM

Em uma primeira reportagem, a história de Madalena Santiago da Silva aparece aos 4 minutos e 10 segundos de uma matéria sobre o trabalho escravo na Bahia. Ao ser apresentada pela voz em off, a imagem mostra as costas da repórter branca Adriana Oliveira à porta de uma casa. Então, uma mulher negra abre uma fresta da porta, enquanto a narração em off continua e a legenda fala da luta de trabalhadoras domésticas por reconhecimento.

Na produção da Rede Bahia, afiliada da Rede Globo de Televisão no Estado, no jornal exibido ao meio dia, Madalena aparece quando a reportagem menciona os dados de resgate de mulheres em trabalho análogo à escravidão.

Depois da cena inicial, a imagem seguinte é de dentro da casa de Madalena, com a câmera mostrando a senhora abrindo a porta para a equipe de reportagem. Uma encenação do que provavelmente ocorrera antes, já que Madalena teria de ter aberto a porta para a equipe momentos antes para que a câmera conseguisse filmar de dentro da casa.

A mulher, que passou 54 anos em situação análoga à escravidão, serve café para a repórter branca. A voz em off segue contando a história de Madalena, enquanto exhibe a face da vítima com expressão de choro. Nenhuma fala dela é exibida até então.

Então, a voz em off para e passa-se a mostrar um dos relatos da mulher: "Eu estava sentada na sala e ela passou com a bacia de água e queria rumar (sic) na minha cara. Aí eu falei assim 'você pode rumar, mas não vai ficar por isso, não'. E eu fiquei quieta. Aí ela disse 'sua nega (sic) desgraçada, vai embora agora'. Isso, no sábado, às nove horas da noite, chovendo. Aí eu fiquei assim olhando para o céu, para o tempo, disse 'meu deus do céu, para onde que eu vou a essa hora?'."

A reportagem segue com o contexto em que vive Madalena hoje e, depois, uma entrevista com uma auditora fiscal. No fim da matéria, a TV volta a mostrar Madalena em sua casa, chorando em frente à equipe de reportagem. A repórter afirma, na voz em off, que a "violência sofrida foi tão brutal que apagou a identidade dela e deixou no lugar medo, muito medo".

Depois disso, Madalena recua da mão estendida da jornalista. "Eu fico com receio de pegar na sua mão branca", diz. "Mas por quê? Tem medo de quê?", a repórter

pergunta. “Porque ver a sua mão branca... eu pego e boto a minha em cima da sua e acho feio isso”, disse. A repórter responde: “Sua mão é linda, sua cor é linda. Olhe para mim, aqui não tem diferença. O tom é diferente, mas você é mulher, eu sou mulher. Os mesmos direitos e o mesmo respeito que todo mundo tem comigo, tem que ter com você.”

No dia seguinte, a TV volta a falar do caso de Madalena, na esteira da repercussão que o último trecho teve nas redes sociais. Desta vez, o foco é mostrar o sentimento da repórter branca e a “emoção” que ela sentiu. Ela conta que, nos bastidores, falou a Madalena que ela e todas as outras pessoas brancas da equipe eram frutos de uma “mistura”. Postura considerada “sensível” pelos âncoras. A imagem da cena entre Madalena e a repórter é exibida, pelo menos, 5 vezes durante a reportagem de menos de 10 minutos.

ANÁLISE

Para Marcondes Filho (1989, p. 29), “transformar um fato em notícia é também alterá-lo, dirigi-lo, mutilá-lo”. Por isso, o autor entende a notícia como mercadoria e, por isso, é para que ela exista, o fato social é “acirrado, exagerado, forçado” (Marcondes Filho, 1989, p. 29). No caso de Madalena, o fato social é por si só impactante: uma mulher de 62 anos que passou 54 deles em situação análoga à escravidão.

Contudo, para que fosse rentável, achou-se por bem acirrar, exagerar, forçar e, acrescenta-se, revitimizar essa mulher. O próprio início da reportagem escancara essa intenção, quando a filmagem simula a chegada da repórter à casa de Madalena. Um reforço do que diz Marcondes Filho (1989, p.29), sobre como o conteúdo é “mudado para vender”.

Em uma falta de atenção à semiótica da cena, a mulher negra, que foi vítima da exploração de seu trabalho por 54 anos, serve à repórter branca, em uma repetição do que fez por anos sob violência.

A revitimização é um “um processo de sofrimento contínuo infligido a uma pessoa que já foi vítima de um ato violento” (Freire Filho; Anjos, 2022, p. 4). E é o que se vê na cena, o que pode até explicar o clímax final, em que Madalena explicita que enxerga a repórter, uma mulher branca, como seus algozes e, por isso, tem receio de

tocar sua mão. O jornalismo, ao reforçar a vivência violenta daquela mulher, serve como ferramenta da revitimização.

Não bastasse isso, o momento de maior fragilidade e sofrimento da vítima foi repetido e explorado à exaustão pelo veículo de comunicação. Em mais uma evidência da revitimização de Madalena, na reportagem do dia seguinte a TV não ouviu a vítima, mas se concentrou em entrevista à repórter para saber suas emoções e em repetir a cena que fez com que a reportagem viralizasse nas redes sociais.

As falas da repórter são superficiais e embasadas em achismos e senso comum sobre o racismo, com discursos já questionados pelo movimento negro. Como quando fala que todos são “frutos de uma mistura”. Essa ideia está fundamentada na tese da democracia racial, criticada por Abdias Nascimento (1978), que defende que há, na verdade, um genocídio do negro brasileiro.

O mito da “democracia racial”, tão corajosamente analisado e desmascarado por Florestan Fernandes, orgulha-se com a proclamação de que o “Brasil tem atingido um alto grau de assimilação da população de cor dentro do padrão de uma sociedade próspera”. Muito pelo contrário, a realidade dos afro-brasileiros é aquela de suportar uma tão efetiva discriminação que, mesmo onde constituem a maioria da população, existem como minoria econômica, cultural e nos negócios políticos. O estado da Bahia exhibe dramaticamente esta situação do afro-brasileiro despossuído (Nascimento, 1978, p. XX).

Ele inclusive destaca a situação da Bahia, em 1950, que, com 70% de negros, 51,9% dos empregadores eram brancos (Nascimento, 1978). Nascimento também escancara o mito do “senhor benevolente”, que confere ao explorador uma imagem falsa de generosidade (Nascimento, 1978). Uma visão que surge desde a colonização portuguesa.

Nada na segunda reportagem é aprofundado e o foco é a aparência, porque o objetivo é vender a informação para que viralize ainda mais do que no dia anterior. Como define Marcondes Filho (1989, p. 66): “Sensacionalismo é apenas o grau mais radical de mercantilização da informação”.

Essa lógica alimenta a mentalidade do leitor ou do telespectador, considerado por Marcondes Filho (1989, p. 133) “presa fácil do sensacional pelo próprio processo de formação ideológica na socialização burguesa”. Ele diz:

A lógica do jornalismo sensacionalista deve ser buscada na lógica de classes, de luta encarniçada por manutenção de status de ‘diferenciações sociais’, pregadas pela ideologia burguesa, que cultiva no leitor o distanciamento aparente ‘daquele mundo miserável’ do sangue e da violência urbana. Ver um mundo pior não conduz ao acomodamento no seu “mundinho”,

aparentemente não tão ruim? A reforma da imprensa, que procura ‘aumentar a oferta de informações culturais’ estaria sujeita a erros elementares no que diz respeito ao conhecimento do universo jornalístico. Sensacionalismo não desaparece por decreto, nem por decisão administrativa do jornal. No máximo, o que se consegue é suprimir aquele sensacionalismo, enquanto o resto da sociedade continua a assumir uma visão sensacionalista da história (Marcondes Filho, 1989, p. 133).

Marcondes Filho (1989) vai além, e afirma que o noticiário sensacionalista “sentimentaliza as questões sociais e cria penalização em vez de reação de descontentamento. Esse fato se dá particularmente por mecanismo reducionista, que particulariza fenômenos sociais” (p. 18).

No caso em análise, a TV particulariza o fenômeno quando o trata como exceção pela reação de Madalena e o individualiza na experiência da repórter. O objetivo é meramente impactar e emocionar sem provocar reações revolucionárias que mudem a realidade de mulheres como a vítima entrevistada para reportagem.

Em nenhum momento mostra-se as opiniões de Madalena, a voz dela só é ouvida pelo telespectador quando vai contar de violências que sofreu e da dor que sente na interação com pessoas brancas.

O jornalismo sensacionalista extrai do fato, da notícia, a sua carga emotiva e apelativa e a enaltece. Fabrica uma nova notícia que a partir daí passa a se vender por si mesma. Os fatos sociais, embora não sendo sempre necessariamente notícia, uma vez trabalhados para esse fim assumiam o caráter de mercadoria (Marcondes Filho, 1989, p. 67).

O objetivo da imprensa sensacionalista, para o autor, é “desviar o público de sua realidade imediata do que para voltar-se a ela, mesmo que fosse para fazê-lo adaptar-se a ela” (Marcondes Filho, 1989, p. 89).

A apropriação da emoção para a produção de notícias é comparada ao fascismo por Marcondes Filho (1989), cujo objetivo também é o de desencadear emoções. “O jornal sensacionalista reforça preconceitos sociais (incriminação de menores marginais, de mães solteiras) contra minorias sexuais, contra opositores políticos” (Marcondes Filho, 1989, p. 89).

Em nenhum momento a reportagem analisada fala do que gera o trabalho análogo ao de escravo e o que faz com que famílias achem normal explorar pessoas por décadas porque simplesmente as consideram da família. Não é o objetivo conscientizar, mas apenas comover.

Na medida em que a imprensa desvia a verdadeira causalidade das desgraças e da péssima situação social das classes mais pobres, ela orienta também a reação dessas classes contra o mal mais próximo. Motoristas de táxi lincham assaltantes, favelados lincham charlatões, povo linchando pés-de-chinelo (BENEVIDES, 1982, p. 97 et seqs.). Nesse sentido a imprensa exerce uma função nitidamente classista, em defesa dos privilégios e da classe dominante, orientando a agressividade popular para objetivos que não são os causadores estruturais de seus problemas (Marcondes Filho, 1989, p. 90).

CONCLUSÃO

O sensacionalismo como o auge da mercantilização da notícia não só revitimizou Madalena, como a calou em duas reportagens e retirou dela sua humanidade. Ao contrário, a repórter, mulher branca, tornou-se a protagonista da história, com o relato de suas emoções e sentimentos.

É preciso que o jornalismo entenda seu papel social e deixe de se apegar à vaidade da viralização. A história ganhou grande repercussão pela violência extrema sofrida por Madalena, que choca a hipócrita sociedade brasileira. Contudo, de alguma forma, a produção do jornal entendeu que a “sensibilidade” da repórter foi o que “comoveu”. Quando esta sequer reparou na violência que era fazê-la servir café a uma mulher branca pouco tempo depois de ter sido resgatada.

Marcondes Filho (1989) afirma que o sensacionalismo não é algo que irá acabar, porque alimenta a sociedade burguesa em que o jornalismo está inserido. Uma solução, portanto, é difícil de se delinear. No entanto, é importante que a abordagem de casos sensíveis como o de Madalena tenha, ao menos, um olhar mais crítico e aprofundado do que o mero objetivo anti-informacional de “emocionar”.

A resposta ao problema desta pesquisa é que o sensacionalismo não só revitimizou Madalena como se valeu da emoção e da vontade de viralizar para explorar a dor de uma mulher recém-resgatada de condições degradantes.

Sob o mito da democracia racial, desconstruído por Nascimento (1978), a reportagem não combate ao racismo, mas o reforça.

REFERÊNCIAS

BA MEIO DIA. **'Receio de pegar na sua mão branca': doméstica é resgatada de trabalho análogo à escravidão na Bahia.** TV Bahia. 27/04/2022. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=AuMr8t_D55s> . Acesso em: 20 de junho de 2025.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo.** Lisboa: Edições 70, 1977.

FREIRE FILHO, João B. de Macedo e DOS ANJOS, Júlia C. Versiani. Jornalismo, misoginia e a revitimização da mulher, In: **Revista da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação**, v. 25, jan–dez, 2022, p. 1–18. Disponível em: <doi.org/10.30962/ec.2555ID>. Acesso em: 20 de junho de 2025.

MARCONDES FILHO, Ciro. **O Capital Da Notícia**: Jornalismo Como Produção Social Da Segunda Natureza. São Paulo: Editora Ática, 1986.

NASCIMENTO, Abdias. **O Genocídio do negro brasileiro**: Processo de um Racismo Mascarado. São Paulo: Editora Perspectiva S/A, 2016.